

**CONSIDERAÇÕES
SOBRE A NOMENCLATURA ORACIONAL LATINA
SEGUNDO A SINTAXE ANTIGA E MODERNA**

Fernando Adão de Sá Freitas (UFJF)

fernandosafreitas@gmail.com

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)

luicarpinetti@oi.com.br

RESUMO

Em nossa pesquisa de iniciação científica, intitulada “A construção da irrealdade na argumentação de arengas judiciárias da latinidade clássica”, em seu sétimo ano de atividades de pesquisa, temos pesquisado autores ditos canônicos e outros que não o são, e que não são descritos pelos gramáticos. No ano de 2010, terminando a etapa agosto de 2009 a julho de 2010, pesquisamos três obras de dois autores cristãos, a saber: *Contra João de Jerusalém (Contra Iohannem Hierosolymitanum)*, de São Jerônimo, *Contra Hermógenes (Aduersus Hermogenes)* e o *Contra os Judeus (Aduersus Iudaeos)*, ambos de Tertuliano. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar quais os tipos de ocorrência sintática alguns manuais de sintaxe latina compilados até então não apresentam.

Palavras-chave:

Sintaxe latina. Gramáticos latinos. Gramáticas modernas. Cânon literário.

1. Introdução

O estudo das orações latinas, ou melhor, da sintaxe, quanto a sua correspondência com a sintaxe das línguas modernas, apresenta-se como um desafio importante, mas antes de tudo minucioso e extenso. Para apontar ocorrências que algumas gramáticas modernas latinas não fazem sobre textos não consagrados, tanto pela tradição moderna, quanto pelo cânon literário antigo, um exame cuidadoso demonstra que as gramáticas latinas produzidas até então não apresentam a totalidade de autores e consequentemente a totalidade dos textos produzidos na Antiguidade.

Assim, alguns manuais importantes para o estudo da sintaxe latina foram analisados para demonstrar que há um “descritivismo” de determinados autores. E quando há uma organização de temas ou de épocas que possam amparar de maneira sistemática o estudo dos “textos latinos” apresentam-se dessa forma:

Os exemplos de costume citados nos capítulos seguintes foram tirados de uma série de autores desde Plauto até Tácito que são geralmente estudados

nos cursos de clássicas nas escolas e nas universidades. Isso é para dizer que foram considerados somente os três períodos no qual o desenvolvimento do latim é usualmente dividido. Menções ao posterior desenvolvimento no período de decadência são meramente acidentais¹ (WOODCOCK, 1985, p. xxiii).

Na citação acima, observa-se uma divisão por época, mas que ainda assim não aponta as variantes dos textos cristãos. Com isso, a obra de Eric Charles Woodcock privilegia autores como Cícero, César e Virgílio, mas que diante de uma postura crítica de análise dos textos latinos não são o único modelo de escrita produzido pela tradição literária da Roma antiga.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo demonstrar quais os tipos de ocorrência sintática alguns manuais de sintaxe latina compilados até então não apresentam, e de que forma a tradição gramatical antiga contribuiu para a consolidação de determinados textos e a “exclusão” de outros.

2. Os manuais latinos modernos

A primeira e breve análise sobre esse problema consiste em apontar quais os manuais mais conhecidos e utilizados para o estudo e compreensão do *corpus* latino. Nesse sentido, começamos pelas gramáticas modernas, pois é delas que se origina a dúvida quanto à classificação oracional e sua “limitada” função de descrever as construções sintáticas presentes em alguns textos. Dessa forma, os critérios de escolha de tais manuais foram:

1º A capacidade de tais manuais solucionarem de forma satisfatória os problemas apresentados pelos autores que apresentam como referência, ou seja, aqui estão situados trabalhos como *Syntax of Plautus* de Wallace Martin Lindsay.

2º A importância filológica e linguística que assumiram os autores desses manuais no cenário internacional e nacional na área da filologia clássica e na linguística.

¹The examples of usage quoted in following chapters are taken from the series of authors from Plautus to Tacitus who are usually studied in classical courses in schools and universities. That is to say, account is taken only three periods into which the development of Latin is usually divided. References to subsequent developments in the period of decadence are only incidental” (WOODCOCK, 1985, p. xxiii). As citações de autores em língua estrangeira foram traduzidas por nós no corpo do texto, excetuando-se as referências bibliográficas.

3º O conhecimento de fontes bibliográficas citadas em seus manuais, e, que os estudiosos e pesquisadores da língua latina obtêm dificuldades de encontrar ou até mesmo acessar certas referências e estudos.

Diante desse quadro, os manuais de sintaxe latina moderna² mais citadas tanto por um quanto por outro autor são:

1. *Syntaxe Latine*: Ernout e Thomas
2. *Syntax of Early Latin*: Charles Bennett
3. *A New Latin Syntax*: Woodcock
4. *Gramática Superior da língua latina*: Ernesto Faria³

Diante desse quadro, antes de elencar quais os autores latinos mais citados⁴ pelos manuais de sintaxe acima, observa-se que nos estudos sobre a sintaxe latina apresentam uma espécie de citação cíclica entre os autores, ou seja, as informações contidas na *Syntaxe Latine* de Alfred Ernout e François Thomas são encontradas de forma similar na *Gramática Superior da Língua Latina* de Ernesto Faria. Como o exemplo da frase de Cícero:

Accidit perincommode quod eum nusquam uidisti (Cic., At. I, 17, 2)

il et très malheureux que tu ne l' aies vu nulle part (Trad.: Ernout e Thomas, 1962, p. 296).

Accidit perincommode quod eum nusquam uidisti (Cic., At. I, 17, 2)

acontece lamentavelmente que nunca o viste (Trad.: Faria, 1958, p. 423).

Com a citação acima, pode-se observar que os dois manuais utilizaram a sentença de Cícero para exemplificar o mesmo conteúdo sobre sintaxe, que é introdução de orações completivas e/ou substantivas com “*quod*”.

²Cf. Ernout & Thomas (1964); Woodcock (1985); Faria (1958) e Bennett (1914).

³A *Gramática Superior da Língua Latina*, do Ernesto Faria, é colocada como um manual de suma relevância, pois a maioria dos exemplos e das definições que mantém uma abordagem histórica e comparativa sobre a língua latina são oriundas desse grande trabalho, mas que pelas circunstâncias do tempo, e, também da evolução dos estudos em língua latina, começa a entrar em processo de retomada aos autores já trabalhados exaustivamente pela tradição literária à luz dos estudiosos em latim.

⁴Nosso trabalho não visa fazer uma pesquisa quantitativa, mas sim abordar qualitativamente quais construções sintáticas os manuais/gramáticas modernas não trataram e que são denotativamente encontrados nos textos latinos.

Outra forma de citação é a utilização do mesmo texto teórico sobre sintaxe de Wallace Martin Lindsay com sua obra *Syntax of Plautus* e do autor Carl Darling Buck com a obra *A Grammar of Oscan and Umbrian* que remonta a origem do idioma do Lácio através dos fragmentos restantes da língua osca e úmbria.

Esses fatos apresentam duas características importantes que se configuram, primeiramente, pelo conhecimento dos estudos produzidos na área de atuação desses autores, mas que, por outro lado, apresentam-se como déficit. Pois se observa que um pequeno número de estudiosos debruçou-se sobre o estudo das línguas antigas, mais especificamente sobre o latim, e que compilaram gramáticas ou manuais que tenham abordado de forma efetiva os elementos da sintaxe latina e não somente um compêndio escolar com exercícios e regras de conjugação ou declinação.

Sobre esse viés, começa a aparecer um dos motivos primários de valorização e de descrição de ocorrências sintáticas, apresentadas pelos manuais modernos na escolha determinados autores latinos. Contudo, ainda sim fica outra pergunta: por que então, não analisar as proposições feitas pelos próprios gramáticos latinos?

3. Cânon literário e tradição gramatical antiga

A pergunta acima remonta duas características intrínsecas aos compêndios gramaticais produzidos na Antiguidade. A primeira se delimita pela função do *grammaticus* enquanto profissional da educação. E a segunda demonstra o papel do mesmo que era sobre tudo o “intérprete dos poetas” (*poetarum interpres*) (CANTÓ, 1997, p. 740-741). Nesse sentido, pode-se observar que as funções desempenhadas por esse estudioso se afasta das concepções modernas, assim como a função desempenhada pela própria gramática que, segundo Diomedes, “decompunha-se em quatro partes, segundo Varrão: leitura, exegese, correção, julgamento” (*apud* DESBORDES, 1995, p. 34).

Diante disso, Weedwood nos demonstra que havia também diferentes tipos de tratados gramaticais, os do tipo *regulae* que eram comuns para os contextos em que o Latim era a língua secundária e outro, de grande influência no contexto medieval, que foram as *shulgrammatike* como a *Ars Minor* de Donato do século IV d.C. que continham uma descrição dos termos gramaticais e era utilizada no contexto escolar (2002, p. 39).

Como a função do *grammaticus* também era definida como o “intérprete dos poetas”. Segundo Raija Vainio a *Institutio Oratoria* de Quintiliano apresenta que os três autores mais usados são Virgílio, Varrão e Cícero. Sendo que, 20 % dos exemplos derivam de Varrão, 14% de Cícero, 13 % de Virgílio e de Ênio por volta de 5% (VAINIO, 2000, p. 32-33). Esta descrição feita por Raija Vainio da obra de Quintiliano se faz de suma importância para demonstrar como os próprios latinos utilizavam os textos que circulavam através da tradição. Nessa mesma ótica, temos Prisciano gramático do século VI d.C, em seu tratado *Partitiones*, que analisou todas as palavras da primeira linha da *Eneida* de Virgílio (LUHTALA, 2005, p. 79) e Servius também fez comentários das obras de Virgílio.

Nesse sentido, se juntarmos a definição dada por Eric Charles Woodcock acima e também a dos gramáticos antigos sobre os autores latinos temos que os autores mais citados pelos manuais de sintaxe moderna são: Catão, Catulo, Cícero, César, Virgílio, Plauto, Terêncio, Horácio, Salústio, Tácito, Tito Lívio, Varrão, Ovídio, Petrônio e Sêneca, o filósofo.

Por outro lado, Sêneca, o velho, Juvenal, Pérsio, Marcial, Valério Máximo, entre outros tantos escritores romanos aparecem pouco ou sequer são mencionados em tais manuais. Dessa forma, a possibilidade de encontrar descrições e análises sobre a sintaxe feitas ou utilizadas por esses autores em cada período da literatura latina fica cada vez mais rara e sintética. Os próprios gramáticos na construção de seus textos utilizavam um cânon literário já consolidado pela tradição literária, ou seja, não se encontra nas gramáticas da Antiguidade a utilização de um cânon literário diferente do que os manuais modernos apresentam. Pois se adotarmos a ideia expressa por Sylvain Auroux, na sua obra *A Revolução Tecnológica da Gramatização*, observaremos que os estudiosos das línguas vernáculas não eram monolíngues e necessitavam da instrumentação teórica oferecida pela gramática latina e, somente com a consolidação da língua nacional, das normas linguísticas e dos dicionários, é que essa presença desaparece (1992, p. 76).

Dessa forma, tanto para o entendimento quanto para o mapeamento das línguas recém-descobertas, que são as línguas vernáculas, o uso da tradição gramatical antiga, na compilação dos manuais de sintaxe para o estudo do próprio latim, deixa de apresentar determinados fenômenos da língua latina em seus vários momentos. Depois que a tradição gramatical opera um rompimento com a pluralidade de autores para eleger um pequeno número de autores contemplados pela análise gramatical, os gra-

máticos das línguas vernaculares se nutrem dessa tradição, marcada por tal rompimento, e a abandonam, assim que suas compilações estiverem terminadas.

4. Exemplos de fatos gramaticais presentes nos textos e não previstos pelas gramáticas

Segundo Françoise Desbordes, “Quando uma grafia latina se afasta da média estatisticamente atestada em um dado período, pode-se pensar que seu autor se entregou a uma análise pessoal da língua que o forçou a inovar ao invés de reproduzir o uso” (1995, p. 10).

Nesse sentido, os textos do período tardio da Antiguidade Romana apresentam peculiaridades, tanto nas questões filosóficas, quanto nas questões “linguísticas”. Dessa forma, o *Contra João de Jerusalém (Contra Iohannem Hierosolymitanum)*, de São Jerônimo, *Contra Hermógenes (Aduersus Hermogenes)* e o *Contra os Judeus (Aduersus Iudaeos)*, ambos de Tertuliano, são exemplos de textos latinos em que seus autores rearranjaram a sintaxe latina e que os manuais de sintaxe latina não abordam profundamente.

Uma característica comum a estes três libelos foi a questão da citação do texto bíblico. Extensa, na maior parte das vezes, a citação dos trechos da Escritura provocou uma modificação no modo de construção sintática do período composto. Quando a construção sintática clássica prescrevia o uso de orações completivas infinitivas, após o uso de *uerba dicendi*, o cumprimento de tal prescrição, a citação do texto bíblico o torna inviável, devido à extensão do complemento aos *uerba dicendi*, bem como a complexidade que resultaria, se o autor se pusesse a operar a transformação dos nominativos em acusativos e os verbos flexionados (normalmente em indicativo) em infinitivos.

Essa situação gerou a criação da citação sem flexões ou transformações sintáticas, e optou-se pela justaposição aos *uerba dicendi* do texto citado *ipsis litteris*, tal como se encontrava na Sagrada Escritura, talvez também porque temessem alterar o texto sagrado, uma vez que a própria Escritura condenava quem porventura o fizesse. Se os autores se aventurassem a fazer transformações sintáticas no texto bíblico, nossa impressão é que não teriam como resultado a fluência do texto, e não dariam conta da clareza do mesmo. Então foi por força das circunstâncias que o novo procedimento de escrita foi adotado e introduzido no uso da

língua escrita. Esse procedimento é muito similar à citação literária tal como é praticada até os dias de hoje pela literatura, mormente em prosa, que se coloca após dois pontos, ou após *uerba dicendi*. Tal fato a gramática latina não descreve, tanto quanto ignora os escritos cristãos. Assim, vemos Jerônimo reproduzir *ipsis litteris* o texto bíblico, na obra que mencionamos:

Sed dicis, epistolam meam probauit Alexandrinus episcopus.

Mas dizes: o bispo alexandrino aprovou a minha epístola. (CIH 5)⁵

É interessante observar, no exemplo citado que a oração que segue o *uerbum dicendi* não constitui, como seria de esperar, uma oração infinitiva, conforme tantas vezes observamos na oratória ciceroniana. O que temos aqui é a figura correspondente ao uso dos dois pontos após o verbo *dicendi*, que seria um recurso que adotaríamos modernamente, por exemplo, na tradução. Essa ocorrência registra um momento em que a língua literária modifica um padrão da construção da retórica clássica.

O exemplo a seguir é um caso de uso da oração infinitiva, mas a ocorrência apenas decalca a estrutura da oração infinitiva, de uso dos autores clássicos. A estrutura em questão traz um sujeito no acusativo, seguido de infinitivo ou participios + *esse* e aparece como complemento de um *uerba dicendi ou declarandi, uerba sentiendi e uerba uolontatis*. No exemplo em nota a seguir, o sujeito da oração infinitiva é “te”, o qual se depreende do sujeito “tu” que é o mesmo sujeito de “dicas” e que se acha oculto diante de “locutum”, nesse caso forma abreviada do infinitivo *locutum esse*, figurando apenas o participio no acusativo *locutum*, o que nos leva a entendê-lo em concordância com um possível sujeito no acusativo, nesse caso “te”.

Sed dicis, epistolam meam probauit Alexandrinus episcopus. Quid probauit? contra Arium, contra Photinum, contra Manichaeum bene locutum.

Mas dizes: o bispo alexandrino aprovou minha epístola. O que aprovou? Que tenhas falado bem contra Ario, contra Fotino, contra o Maniqueu. (CIH, 5)

Nas orações a seguir, observamos a ocorrência da conjunção *quod* como integrante, fato que passou a suceder no latim tardio com mais frequência. Quando no latim clássico, a conjunção integrante *quod* ocorria após verbos como *dico, credo, scio* e semelhantes, e também em escritos de cunho mais popular, como Plauto, Tertuliano, Macróbio (citados

⁵*Contra Iohannem Hierosolymitanum (Contra João de Jerusalém)*.

por Theodoro Henrique Maurer Júnior (1959) como representantes de fala de latim vulgar ou tardio, quando esta fonte ganhou foros de oficialidade literária) no texto de São Jerônimo torna-se proverbial e famoso o uso de *quod* depois de *dico*, quando o uso literário tendia a construir complementos com orações infinitivas e não utilizar construções de orações integrantes introduzidas por *quod*:

Et primum de libro ubi loquitur: sicut enim incongruum est dicere, quod possit Filius uidere Patrem: ita inconueniens est opinari, quod Spiritus sanctus possit uidere Filium.

E primeiramente acerca do livro em que diz: como é, pois inconveniente dizer que o Filho possa ver o Pai: assim inconveniente sustentar que o Espírito Santo possa ver o Filho (CIH., 7).

A oração interrogativa *Generationem eius quis enarrabit?* Representa, no exemplo em nota a seguir, o complemento oracional como uma interrogativa, mas não uma interrogativa indireta (como era comum nos textos ciceronianos ou outros da época clássica), complemento do *uerbum dicendi* “ait”. A oração interrogativa, configurada como interrogativa direta, com o verbo no modo indicativo, nos dá a dimensão do uso novo da citação literária praticada na época de São Jerônimo. A frase citada no início desse parágrafo constitui uma citação da *Bíblia* (Isaías, 53,8).

Em textos anteriores, estudados como *corpus* de pesquisa, verificamos muito amiúde o uso da oração interrogativa indireta, como complementos de *uerba dicendi*, para reportar perguntas de personagens destes textos, como costuma se dar em textos de retórica judiciária. Mas, neste tratado polêmico de São Jerônimo, observamos que a técnica de citação literária utilizada por este autor, neste tratado, é utilizada até hoje, em termos de parâmetros sintáticos, e nos parece ter nascido com os Padres da Igreja, em suas relações com os textos bíblicos, pois se observa a mesma situação em relação ao texto de Tertuliano, por exemplo, no tratado *Aduersus Iudaeos*, que estudamos. A oração que é a citação de um trecho da Bíblia parece inalterada em sua sintaxe, diferentemente do que acontecia no período clássico, quando ocorria a transformação do indicativo em subjuntivo. O texto em que se insere a pergunta, como citação bíblica é:

Ubi Isaias Virginis demonstrator, qui in una quaestione succumbens ait: *Generationem eius quis enarrabit?*

Quando Isaías, descritor da Virgem, que, sucumbindo em única questão, disse: a sua geração quem defenderá? (CIH., 10).

Se transformássemos ao modo clássico a oração, como uma oração completiva interrogativa indireta, o texto de São Jerônimo teria a seguinte formulação:

Ubi Isaias Virginis demonstrator, qui in una quaestione succumbens ait generationem eius quis enarraturus sit.

Em Tertuliano, na obra *Aduersus Iudaeos*, detectamos uma introdução da oralidade ou de dialogismo, característicos da língua falada, e pouco ou nada comum em textos escritos, e isto se observa nas orações adverbiais soltas e um afrouxamento da coesão textual, ou seja, uma quebra da estrutura estritamente hierarquizada de orações encadeadas por orações principais e suas subordinadas devidamente encaixadas. Este tipo de ocorrência dificilmente aconteceria em uma arena judiciária de Cícero.

A qua fide Israel excidit secundum Hieremiam prophetam dicentem: Mit-tite, interrogate nimis, si facta sunt talia, si mutabunt gentes deos suos et isti non sunt dii; populus autem meus mutauit gloriam suam, ex-quo nihil proderit eis; expauit caelum super isto. Et quando expauit? Indubitate quando passus est Christus.⁶

E nós recobramos a vida por esta mesma fé que Israel repudiou, seguindo esta mesma palavra de Jeremias: Enviai ao longe e interrogai com cuidado: houve alguma vez algo semelhante? As nações mudaram seus deuses, vãos simulacros? E meu povo mudou sua glória por um ídolo! O céu estremeceu de espanto. Quando o céu pôde estremeecer de espanto? Incontestavelmente quando Jesus sofreu (AI, XIII, 13)⁷.

5. Conclusão

Assim, procuramos exemplificar com os autores cristãos, exatamente os aspectos que a gramática latina não descreve, talvez porque a tradição os relegou a um plano inferior ou que sua língua adote os padrões antes pertencentes ao latim da conversação ou o latim vulgar e que, por essa razão, carreguem o estigma de língua inculta.

⁶A oração adverbial “Indubitate quando passus est Christus” não se encontra acoplada a uma oração principal. O grifo serve para marcar a interferência do dialogismo no trecho selecionado do discurso.

⁷*Aduersus Iudaeos (Contra os Judeus)*, obra de Tertuliano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad.: Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi. Campinas: UNICAMP, 1992.

BENNETT, Charles Edwin. *Syntax of Early Latin*. Vol. 1: The Verb. Vol. 2: The Case. Boston: 1914.

CANTÓ LLORCA, Josefa. Los grammatici: críticos literarios, eruditos y comentaristas. In: CODÓÑER, Carmen. *Historia de la Literatura Latina*. Catedra, 1997.

DESBORDES, Françoise. *Concepções sobre a escrita na Roma Antiga*. Trad.: Fúlvia Maria Luíza Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática, 1995.

ERNOUT, Alfred; THOMAS, François. *Syntaxe Latine*. 2. ed. Paris: Klincksieck, 1964.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FREMANTLE, W. H; LEWIS, G.; MARTLEY, W. G. *To Pammachius against John of Jerusalem*. Disponível em:
<http://www.newadvent.org/fathers/3004.htm>

GENOUDE, Eugene-Antoine de. *Contre les juifs*. Disponível em:
http://www.tertullian.org/french/g3_02_adversus_judaeos.htm

LUHTALA, Anneli. *Grammar and Philosophy in Late Antiquity: A study of Priscian's sources*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005.

MAURER JÚNIOR, Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MIGNE, Jacques-Paul. *Patrologiae: cursus completus*. Tomo 23: Contra Joannem Hierosolymitanum. Series graeca. Paris: Petit Montrouge, 1883.

SÃO JERÔNIMO. *Contra Iohannem Hierosolymitanum*. Disponível em:
<http://www.thelatinlibrary.com/jerome/contraioannem.html>

TERTULIANO. *Aduersus Iudaeos*. Disponível em:
<http://www.thelatinlibrary.com/tertullian/tertullian.iudaeos.shtml>

VAINIO, Raija. *Use and Function of Grammatical Examples in Roman Grammarians*. Reviewed work(s): Source: Mnemosyne, Fourth Series,

Vol. 53, fasc. 1, p. 30-48, feb. 2000. Published by: BRILLStable. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4433061>>.

WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da linguística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.

WOODCOCK, Eric Charles. *A new latin syntax*. London: Bristol Classical Press, 1985.